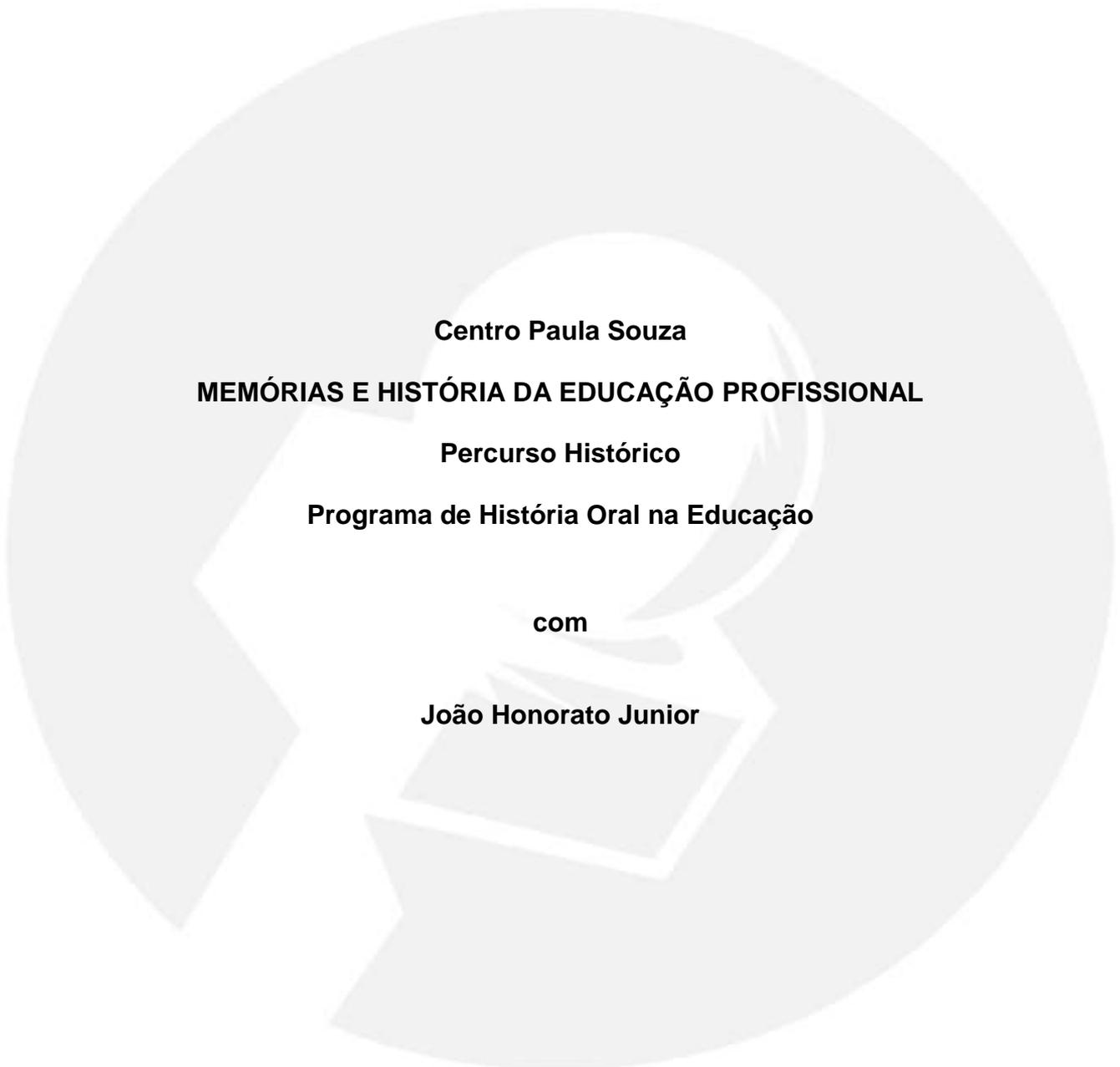


## Documento de Registro de Entrevista



**Centro Paula Souza**  
**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**  
**Percurso Histórico**  
**Programa de História Oral na Educação**  
  
**com**  
  
**João Honorato Junior**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**  
**São Paulo**  
**2018**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: temática

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevistadora conheceu o professor João Honorato Jr. na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) durante as suas reuniões de projeto com a professora Meire Yokata, em 2015. O professor Honorato ficou sabendo dos projetos de memórias, que coordeno na Cetec, e informou que fez parte da primeira turma da Faculdade de Tecnologia de São Paulo. Devido ao nosso interesse sobre a origem dos cursos dessa faculdade, o professor nos trouxe o seu histórico escolar, onde consta que este ingressou em 13 de julho de 1970, por meio do vestibular, no curso Superior de Tecnologia – Mecânica, modalidade: Processos de Produção. A seguir descrevo as disciplinas que cursou com carga horária e mês/ano de conclusão:

<b>Disciplinas</b>	<b>CH</b>	<b>Mês/ano</b>
- Materiais para Construção Mecânica I	48	Out/70
- Eletricidade Aplicada I	84	
- Operações Mecânicas I	72	
- Português I	24	
- Sistemas Mecânicos I	72	Jan./71
- Eletricidade Aplicada II	72	
- Operações Mecânicas II	72	
- Desenho Técnico Mecânico I	24	
- Português II	24	
- Métodos de Cálculo I	72	
- Métodos de Cálculo III	72	Mai/71
- Sistemas Mecânicos II	72	
- Materiais para Construção Mecânica III	36	
- Estática e Resistência dos Materiais I	84	

- Operações Mecânicas III	72	
- Desenho Técnico Mecânico II	48	
- Humanidades I	24	
- Métodos de Cálculos II	72	
- Materiais para Construção Mecânica II	36	
- Eletricidade Aplicada III	24	
- Tecnologia Aplicada às Máquinas I	96	Set/71
- Máquinas- Ferramentas I	168	
- Metais, Tratamento Térmico e Fadiga	84	
- Processos de Produção I	48	
- Humanidades II	24	
- Tecnologia Aplicada às Máquinas II	48	Dez/71
- Processos de Produção II	36	
- Máquinas – Ferramentas II	180	
- Organização Industrial	72	
- Humanidades III	24	
- Eletricidade Aplicada IV	12	
- Processos de Produção III	48	Mai/72
- Máquinas – Ferramentas III	180	
- Instalação e Manutenção de Equipamentos	72	
- Controle de Qualidade	48	
- Organização Industrial II	24	
- Relações Humanas e Direito Trabalhista	24	
- Humanidades IV	24	
<b>DISCIPLINAS COMPLEMENTARES</b>		
- Educação Moral e Cívica I (Estudos de Problemas Brasileiros I)	24	Out/70
- Educação Moral e Cívica II (Estudos de Problemas Brasileiros II)	12	Mai/72
- Educação Física	24	Dez/71
<b>DISCIPLINAS OPTATIVAS</b>		
- Introdução ao Desenho Técnico Mecânico	24	Out/70
- Física Aplicada I	72	Out/70
- Desenho de Máquinas e Motores	168	Mai/72

No histórico escolar consta o título – Tecnólogo – com a data de conclusão do curso, em 31/05/1972, data de colação de grau, em 17/12/1974, e Data da expedição do diploma, em 25/04/1984. Esse currículo foi emitido em 12/09/1984.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza – Praça Cel. Fernando Prestes, 74 – sala 11 - Bom Retiro – São Paulo/SP.

Data: 15 de setembro de 2016

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 35 minutos e sete segundos

Número de vídeos: três

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 14

### **Sinopse da entrevista**

Essa entrevista foi realizada em setembro de 2016, dentro do Programa de História Oral na Educação iniciado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP), em 2013. No entanto, a transcrição da entrevista aconteceu, recentemente, para ser integrada ao projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente” (projeto Cetec 8.4.02.02/2018), afim de começar a colher subsídios para a comemoração do cinquentenário do Centro Paula Souza, em 2019. Para esse projeto propôs-se envolver docentes que atuam no GEPEMHEP com projetos de HAE, empregando a história oral como metodologia de pesquisa, e participando de duas capacitações – os Clubes de Memórias XXIX e XXX, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, entre agosto e dezembro de 2018. Como o professor João Honorato Jr, da Etec Basilides de Godoy, foi aluno da primeira turma da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, fiz um convite para entrevista-lo e durante a entrevista o professor trouxe quatro chaveiros da Fatec SP, de sua coleção, para fotografar e que apresento na imagem a seguir:



### Transcrição da entrevista

Entrevistado: **Professor João Honorato Jr.** /Etec Prof. Basílides de Godoy, em São Paulo

Data da transcrição da entrevista: 5 e 9 de setembro de 2018

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

### Vídeo um (seis minutos)

**ML:** Bom dia, professor João Honorato, eu quero agradecer por você estar hoje, concedendo uma entrevista para um projeto que nós temos aqui no Centro Paula Souza de Memórias e História da Educação Profissional. Hoje que é dia 15 de setembro de 2016, aqui no Centro de Memória da Educação Profissional. Eu gostaria de conversar com você, principalmente, primeiro sobre a sua história de vida, em que cidade você nasceu? Onde que você estudou? Até chegar a sua opção pela Faculdade de Tecnologia São Paulo.

**JH:** É muito engraçado, porque coincidências na minha vida fazem parte da minha trajetória profissional. Nasci no dia 11 de janeiro de 1951, e isso significa que o número um está presente na minha carreira. Morei inicialmente no Brás, e ingressei na escola aos quatro anos de idade, também no Brás, no Colégio Padre Anchieta. Uma das escolas, na época, referência em São Paulo.

**JH:** Inicialmente essa escola era feminina, e por incrível que pareça, eu fui da primeira turma de meninos a entrar nessa escola, e então já começando a minha trajetória como pioneiro. Fiquei nessa escola até os dezenove anos, fiz os cursos: primário, jardim, ginásio e científico, e concluí em 1969. E ingressei na faculdade, comecei a estudar, e naquela época, era muito difícil porque, principalmente, na área de engenharia os cursos eram diurnos, e os meus pais eram de família de

classe média. Meu pai era alfaiate e minha mãe era do lar, e eu não podia de maneira nenhuma fazer uma instituição paga. E então eu fiz o Anglo Latino, e no cursinho eu fiquei sabendo do vestibular aqui da Fatec. Isso foi em 1970.

**JH:** Por incrível que pareça, primeira turma da Fatec. Ingressei aqui na Fatec, mais precisamente no mês de agosto de 1970, na modalidade na época era Oficina, e hoje é Processos Industriais. Acabei me formando, e para fazer parte das coincidências, nossa última aula foi em 13 de maio de 1972, quando a gente falou que era a libertação dos escravos. Porque o curso, na época, era um curso quadrimestral, contínuo, e a gente tinha que fazer o curso em dezoito meses. Ingressei no trabalho logo que me formei.

**JH:** Nós, junto com o professor Walter Cristian, o curso não era conhecido. Nós fizemos um trabalho de divulgação, o pessoal da mecânica, onde nós fizéssemos um portfólio para divulgar o curso, entregando de mãos em mãos: - nossa capacidade, - nossa formação profissional, que até então era desconhecida. E a denominação da na época era de Técnico de nível Superior. Infelizmente, esse pessoal não tinha essa cultura de tecnólogo, e desse trabalho que fizemos, levando os currículos, começaram a surgir praticamente de imediato algumas oportunidades. E nossa turma que começou na área de fabricação com quarenta alunos terminou apenas com sete. Desde então, sete colegas foram para as mais diversas áreas: da área automobilística, a Ford, na época contratou dois colegas. A Engesa, que era uma empresa e estava em plena expansão, me contratou e mais outro colega. Alguns foram para o SENAI e alguns ficaram como professor na própria Fatec. Infelizmente perdemos o contato ao longo dos anos e não nos vimos mais.

#### **Vídeo dois: 10 minutos e 11 segundos**

**ML:** Professor Honorato, quem era esse professor que saiu com vocês visitando as empresas?

**JH:** Na verdade ele não saiu conosco, ele apenas nos orientou. Era um professor de descendência alemã, ele era na época consultor da Motores Weg, em Santa Catarina. Era um professor que deu uma ideia de como organizar um portfólio e como fazer isso para divulgarmos para a empresa, e a partir daí nós decidimos.

**ML:** Qual era o nome dele?

**JH:** Walter Cristian.

**ML:** E você ficou quanto anos na ENGESA?

**JH:** Fiquei um ano e meio, e é até muito engraçado. Por que a ENGESA era uma empresa de material bélico. Eu era chefe do PCP. Um dia entrei num carro de reconhecimento de região, que era um carro de combate, e aí caiu a ficha. Fiz um curso de mecânica e vou trabalhar com equipamentos bélicos? - Não vou fazer algo que destrói pessoas.

**ML:** E qual foi a sua trajetória?

**JH:** Depois eu fui para a MUNCK empresa de equipamentos para movimentação de materiais, e em seguida eu fui para a STANLEY. Fiquei lá dois anos e meio. Logo

em seguida, fui para FERRAMENTAS STANLEY, fiquei quatro anos, aonde mais uma vez um projeto de fabricação de trenas metálicas, inédito no Brasil, eu tomei parte desse projeto. Fui para NOVIK uma fábrica de alto-falantes e fiquei seis anos. Onde comecei minha trajetória dentro desse segmento de alto-falantes nessa empresa.

**JH:** Depois fui para uma outra indústria de alto-falantes, Robert Boch. Fiquei aproximadamente quatro anos.

**JH:** Logo em seguida, fui para uma empresa chamada FAXXON e fundamos uma empresa, empresa produtora de alto falantes, ficamos dez anos. Na época, ela foi uma empresa responsável pelo mercado. Infelizmente, no Brasil, por problemas econômicos tivemos que encerrar as atividades dessa empresa. Voltei para a indústria, trabalhei quatro anos na ASK multinacional italiana, e onde eu comecei, nessa época, eu fiz a minha primeira viagem internacional, experiência fora do país.

**ML:** Isso foi em que ano?

**JH:** Foi em 2001, a partir daí eu fui para outras empresas de menor expressão, uma indústria de amplificadores. Nessa época, eu fui para a HURRICANE, era um distribuidor, e nessa época, eu fui para a China, para implantação de uma unidade aqui em São Paulo, novamente para trazer uma linha de alto falantes.

**ML:** Isso foi em que ano?

**JH:** Na primeira vez, eu fui em 2004, pela HURRICANE, e depois, na CORZUS, e fui para a China novamente, e para trazer uma linha de alto-falantes. Posteriormente, fui para uma pequena na qual estava com dificuldades econômicas. e, em 2014, eu encerrei minhas atividades na área industrial.

**ML:** Você se aposentou?

**JH:** Sim, a minha aposentadoria.

**ML:** Quando você entrou no Centro Paula Souza?

**JH:** No campo do ensino, precisamente foi em 1988.

**JH:** Em 1987-88, eu fui lecionar na Universidade São Francisco, aí que eu comecei a minha atividade docente, na disciplina de Administração de Materiais, e concomitante, entrei na Universidade Cidade de São Paulo, lecionei as disciplinas de Administração de Materiais e de Administração da Produção. Na época, que foi em 1988-89, não era Centro Paula Souza, mas eu ministrei aulas no Colégio Martin Luther King, é uma das unidades do Centro Paula Souza. Mas na época era do governo do estado de São Paulo.

**ML:** Que ano foi isso?

**JH:** Em 1988-89. Sempre nessa época, trabalhando na indústria e, à noite, ministrando aulas. Em 1997, eu ingressei no Colégio Basílicas de Godoy, no Centro Paula Souza.

**ML:** E daí você já ingressou como indeterminado?

**JH:** Na época como determinado, e em 2000, fui indeterminado. Mas logo em seguida, tive que sair, por que como eu fui trabalhar na ASK, que era em Sete Lagoas. Mas eu retornei em 2006, onde estou até hoje nessa escola.

**ML:** Daí você retornou, e você dá quais disciplinas?

**JH:** Sempre na área de Organização Industrial, Processo de Fabricação, Tecnologia mecânica, TCC.

**ML:** Prof. Honorato voltando para a Fatec, eu percebi pelo seu currículo, que você ingressou em 1972, se formou em 1974.

**JH:** Eu me formei em 1972.

**ML:** Ah! Desculpe, a data de conclusão de curso foi 1972, e depois, a colação de grau foi em 1974, e o diploma só aconteceu em 1984. Quais foram os motivos, que levou quase dez anos para ser liberado esse diploma?

**JH:** Não sei quais foram os motivos, o Técnico em Nível Superior na época, uma novidade. Na época, fora dos padrões da engenharia. Não sei porque, mas este problema me chateou bastante. Em 1976, a coisa não era reconhecida, a gente fez colação de grau em 1974. Em 1974, a gente ainda não tinha o diploma. (interrompida a gravação)

#### **Vídeo três: 18 minutos e 56 segundos**

**JH:** Tanto o problema da demora da expedição do diploma, da oficialização do currículo do curso, apesar de nós termos na época o CREA, provisório, isso nos dava um certo desconforto e muita desconfiança profissional, por que a gente não sabia exatamente qual seria o final de tudo isso.

**JH:** E em 1976, existia um curso de Engenharia Operacional, além da FEI, na Universidade Brás Cuba, em Mogi das Cruzes, aonde alguns colegas Fatec foram fazer esse curso. Eles aceitavam o nosso currículo, porém, a mesma coisa, pois a expedição do diploma, também estava atrelado ao diploma da Fatec.

**JH:** Eu resolvi fazer esse curso, praticamente com uma complementação de um ano, o curso de Engenharia Operacional em Mogi das Cruzes. Eles aceitaram esse currículo. Mas seria a mesma coisa, a expedição do diploma, e a complementação se deu após quase um ano. O título que eu tenho hoje é de Engenheiro Operacional.

**ML:** E você fez onde?

**JH:** Na Universidade de Brás Cuba, conclui em 1977.

**JH:** Com esse quesito, apesar de ter as mesmas atribuições, o mesmo conceito, a minha carreira profissional teve um crescimento bastante grande, mas em função da própria cultura da época. E daí seguir em frente: era problemático. Nós não podíamos fazer nenhum curso de especialização, nenhum curso de mestrado ou doutorado, continuação dos estudos. Tínhamos que começar tudo novamente.

**ML:** Agora você disse que já tinha o CREA provisório. Era Técnico Superior? Já vinha com essa denominação?

**JH:** Era Técnico de Nível Superior

**ML:** Quando você fez o curso de engenharia operacional, teve muita diferença nas disciplinas? Como funcionou?

**JH:** Algumas disciplinas praticamente eram as mesmas. Mas teve algumas disciplinas a mais, por exemplo, a Química que não havia; o ESPB – Moral e Cívica, enfim a parte de Cálculos. Teve uma disciplina na área de Estampagem, que foi o nosso mesmo professor daqui da Fatec, o Spakauskas.

**ML:** E no período que você estudou aqui na Fatec, que professores que te marcou? E que depois teve influência na sua carreira?

**JH:** Muitos professores na época; a maioria dos professores, uma grande parte da era da Escola Politécnica, titulares de cadeira, e referência em termos de ensino, Mauá e FEI, principalmente na Engenharia Mecânica.

**ML:** Você chegou a ter aula com o Kazuo Watanabe?

**JH:** Não, tive com o Johnson, que era física, um professor respeitado dentro da disciplina.

**ML:** E como eram as aulas do Johnson?

**JH:** Eram bastante difíceis. Não eram aulas dinâmicas, eram aulas extremamente teóricas.

**ML:** Ele não trazia exemplos da indústria?

**JH:** Não, era bem acadêmico.

**ML:** Você se lembra de algum professor que trazia exemplos das indústrias?

**JH:** Eram vários. O professor Walter Cristian, por exemplo, que eu citei anteriormente, ele trazia muitos exemplos da indústria. Tinham outros, vários: Francisco Landi que era da Mauá, professores que eram da indústria.

**ML:** Você chegou a ter aula com a professora Helena Peterossi?

**JH:** Não. São todos professores pós a minha turma.

**ML:** É por que você era da primeira turma. E quando você ingressou na indústria, você percebeu que tinha um nicho para os tecnólogos? Como foi essa relação com os engenheiros dentro da fábrica, os técnicos, surgindo essa nova profissão?

**JH:** Não foi tanto traumático em termos de indústria, por que na época tinham os cursos de Engenheiros Operacionais, o da FEI. E como nós estávamos aqui do lado da Poli, nós ficamos conhecidos como POLINHA. (risos), não como ensino superior, mas como posicionamento de curso e, isso ajudou muito. E as equivalências fizeram como o Engenheiro Operacional na época, que era praticamente a mesma base.

**ML:** Você disse que vocês estavam convivendo com o pessoal da Poli. Como foi que vocês ocuparam o prédio do Edifício Paula Souza? Todo o seu curso foi lá?

**JH:** Na verdade, aqui onde nós estamos, foi uma das nossas salas de aula nossa. No final dos cursos nós saíamos, e fazíamos algumas disciplinas lá na USP.

**ML:** Que tipo de disciplinas?

**JH:** A disciplina de Materiais, tratamento interno; Metalografia, e as disciplinas de Produção, dentro da própria Escola Politécnica, e Ensaio de Materiais no IPT, lá na USP. A gente passava o dia nessas instituições.

**ML:** Aqui, a Politécnica ainda tinha que edifícios?

**JH:** Ali era o Santiago, aqui do lado.

**ML:** Nós temos aqui do lado o Ramos de Azevedo, que hoje é o Arquivo Histórico Municipal, ali era a parte da Elétrica. Mas a Politécnica tinha ainda?

**JH:** No Santiago.

**ML:** No Santiago que tinha Processamento de Dados. Aqui é o Edifício Paula Souza.

**ML:** Os primeiros cursos da Fatec foram de Mecânica?

**JH:** Na área de Mecânica – Oficinas e Projetos. Depois tinha em Projetos Civil, Pavimentação, Edificação e Hidráulica. Os cursos ocupavam essas instalações. Não tinha nem oficinas. A parte de oficinas nós não tínhamos, e nós fazíamos aos sábados o dia inteiro, no SENAI no Ipiranga.

**ML:** O que vocês faziam lá?

**JH:** Praticamente era adaptação do curso do SENAI de mecânica: usinagem, tudo lá.

**ML:** Mas Desenho Mecânico vocês faziam aqui? Faziam lá em cima no terceiro andar?

**ML:** Eu percebi que tinham duas salas de Desenho, uma mais simples, e uma mais sofisticada. Dependia do ano?

**JH:** Normalmente, a gente ocupava essa sala mais equipada. Na verdade, nós passamos aqui dezoito meses, nós tínhamos aulas pela manhã e à tarde, e de terça e quinta, aula à noite.

**ML:** Vocês tinham os três períodos. Por que era muito puxado. Vocês nem tinham férias praticamente?

**JH:** Entre um período e outro, e normalmente, nós tínhamos uma semana de recesso, e, normalmente, eram provas de recuperação.

**ML:** Isso devia ser desgastante. E os alunos chegaram a questionar para mudar isso? Por que as outras instituições normalmente são semestrais.

**JH:** Na verdade, o nosso curso de oficina eram sete; e no grupo de projetos mecânicos se formaram em onze. Esse grupo queria ingressar na área profissional o mais rápido possível.

**ML:** E esse período, na década de 1970, que era o período do milagre brasileiro, certamente as indústrias deveriam estar ávidas por esse profissional no mercado.

**JH:** Tinha bastante oportunidade nessa época, o Brasil estava em crescimento.

**ML:** Principalmente metalúrgica.

**JH:** Mas ao mesmo tempo o nosso curso não tinha aquela divulgação, aquela penetração tão grande. Não sei se era acordo político ou não, e precisa ser feita uma pesquisa mais profunda sobre isso, mas nós sempre sentimos muito a falta de divulgação do curso em si. Tanto que nós quando saímos; dissemos: - "Vamos a Campo". Exatamente para falar quem somos.

**JH:** Foi engraçado que nesse mesmo prédio existiam algumas capacitações pontuais. Na década de 70 surgiu o curso de técnico de televisão à cores, e teve aqui dentro um curso de especialização em televisão a cores, e isso divulgou mais do que o nosso próprio curso. E quando a gente ia às empresas, eles perguntavam: vocês são Técnicos de TV a Cores? Chateava bastante.

**JH:** Como nós fizemos essa divulgação? Íamos ao RH. Chegamos a ir ao RH em dois ou três alunos, para apresentar o curso e não pedir emprego, e isto abriu oportunidade para o Técnico em nível Superior, nem se falava em Tecnólogo. Isso em 1984, começou essa denominação

**ML:** No balanço, pela sua trajetória pela empresa, como professor e hoje fazendo parte da equipe de Mecânica na Unidade de Ensino Médio e Técnico, junto com a professora Meire Yokota, como você vê essa evolução do Tecnólogo? Inclusive, com sessenta e seis faculdades no estado de São Paulo.

**JH:** Eu acho que fugiu bastante do propósito inicial, onde nós tínhamos uma grande carga de informações e ao mesmo tempo exigência e dedicação plena. Lamentavelmente eu vejo hoje, foram criados vários cursos com essa denominação Tecnólogo, manchou um pouco a importância desse curso. Acho que não tem importância como curso em si.

**ML:** Mas qual? De Mecânica?

**JH:** Do Tecnólogo em si. Tem várias modalidades, qualquer coisa é tecnólogo.

**ML:** Mas será que isso não tem a haver com a necessidade do mercado de precisar de várias áreas?

**JH:** Deveria ser, mas na verdade colocou-se um nível a mais em termos de graduação superior, na minha opinião. Existem muitos cursos técnicos e bastante cursos superiores ainda ao invés de tecnólogo.

**ML:** Você acha tem que rever esses currículos, e que há outras possibilidades a serem avaliadas em diversas modalidades.

**JH:** Nessas áreas, por que hoje se você faz um curso superior de dois anos já é tecnólogo, e se você pegar a mesma grade. E até mesmo algumas áreas se você pegar um curso de Administração; técnico ou tecnológico, eles têm a mesma grade.

**ML:** Então isso passa a ser uma proposta para a gente futuramente estar revendo.

**JH:** Algumas áreas não aceitam Tecnólogo, como o Técnico. Por exemplo, a Petrobrás não reconhece o Tecnólogo.

**ML:** Então o mercado ainda, precisa-se ainda de um trabalho de convencimento e reconhecimento externo e interno precisaríamos reavaliar as nossas estruturas e os nossos currículos.

**JH:** Urgentemente, precisa ser avaliado como um todo. Antes era muito bem definido, nos anos 80, era muito bem definido. Você tinha a graduação média e depois a graduação superior plena, daí criou essa graduação intermediária e daí causou impacto negativo. Na minha opinião, não tem nenhum parâmetro lá fora, por exemplo, na Europa e nos Estados Unidos, não tem uma referência mais consistente com relação a esses tipos de cursos.

**ML:** Eu quero agradecer muito você estar me concedendo hoje essa entrevista. Nós estamos com um projeto para conhecer a origem da Faculdade de Tecnologia São Paulo, é um projeto que vai levar vários anos, mas a sua contribuição é importante para nós. Agradeço muitíssimo, vou transcrever essa entrevista e vou lhe passar o texto, por que existe uma diferença entre a fala e a escrita, e nós precisamos desse seu depoimento sobre a formação profissional e tecnológica. Muito obrigada

### **Descritores**

Cinquentenário do Centro Paula Souza

Coleção de chaveiros da Fatec SP

Colégio Padre Anchieta

Colégio Martin Luther King

Currículo

Curso superior de Tecnologia – Mecânica

Desenho Mecânico

Edifício Paula Souza

Edifício Santiago

Engenharia Operacional

Estampagem

Etec Basíliades de Godoy

Formação profissional e tecnológica

Francisco Landi

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

Helena Peterossi

História da Educação Profissional

História Oral na Educação

Indústrias de Alto Falantes

João Honorato Jr.

Kazuo Watanabe

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Mecânica – Oficinas e Projetos

Memória do trabalho docente

Organização Industrial

Polinha

Processamento de Dados

Processo de Fabricação

Projetos Cívicos, Pavimentação, Edificação e Hidráulica

Registro de Entrevista

Spakauskas

SENAI

TCC

Técnico de Televisão à Cores

Técnico em Nível Superior

Tecnologia Mecânica

Tecnólogo

Walter Cristian

### **Dados Biográficos do Entrevistado**



João Honorato Jr. tem mestrado em Engenharia de Produção pela UNINOVE (2016), é Engenheiro Operacional pela Universidade Braz Cubas (1977), e Tecnólogo em Mecânica pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1972). Tem cursos de especializações em Administração de Produção pela UNINOVE (2011-12), no Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes de Nível Médio pela Fatec SP (1998), em Projetos Industriais em Engenharia Mecânica pelo Instituto Mauá de Engenharia (1980-81). Fez especialização no exterior, no Politécnico Bari, na Itália, “Human Performance in Production System – 3 CFU” (2016) e, na Japan International Cooperation Agency, JICA, Japão, “Strengthening of

the Brazil Auto Parts Sector (A)” (2017). Tem experiência na área de Engenharia de Produção, com ênfase em Gestão Industrial, Processos de Fabricação e Desenvolvimento de Produtos, em diversas empresas metalúrgicas. Foi professor universitário na Universidade São Francisco (1987-89) e na Universidade Cidade São Paulo (1988-92). Foi professor da Escola Técnica Martin Luther King (1988-90). É professor da Etec Baselides de Godoy desde 1997.

### Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). É professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015) e Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

**Anexos** (documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais do entrevistado

Termo de Autorização para uso de Imagem do entrevistado